

# ROCK MEETING



"ACREDITAMOS NO POTENCIAL DO NORDESTE!"

## DESTAQUES

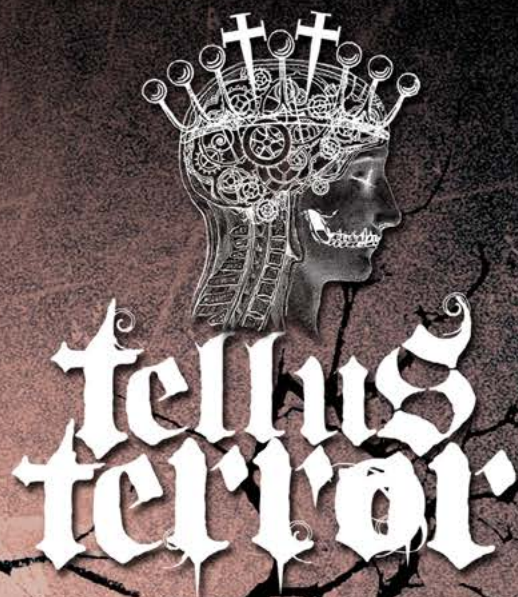
PERFIL RM  
**Dani Nolden**  
(ShadowSide)



**Eluveitie**  
Sick Of It All  
Morfolk  
Purpura Ink  
e muito mais







MMS | MIXED METAL STYLES

EZ Life DV8



## EDITORIAL

# NÃO SE ENGANE OU SE DEIXE ENGANAR!

Mixado e masterizado na Suécia por Fredrik Nordström (Dimmu Borgir, Opeth, etc)  
Capa e encarte criados na Grécia por Seth Siro Anton (Nile, Paradise Lost, Moonspell, etc)

*“Uma experiência completamente nova”* – Metal Samsara

*“Desde já um clássico!”* – Hell Divine

*“Um grande vencedor, sem dúvida!”* – Metal Temple (Grécia)

*“Forte candidata a conquistar todos os cantos”* – Grind Underground

*“Um trabalho primoroso”* – Heavy Metal Brasil

*“EZ Life DV8 é altamente viciante”* – Explicitly Intense (EUA)

*“Criaram um disco magnífico e único”* – Imprensa do Rock

*“Um dos grandes lançamentos nacionais de 2014”* – Whiplash

*“Um trabalho impressionante”* – Vendetta Metal Magazine (Finlândia)

*“Um dos melhores álbuns deste ano”* – A Música Continua a Mesma

*“Criatividade, técnica e ousadia”* – Underground Resistance Brasil

# WWW.TELLUSTERROR.COM.BR

TELLUSTERROR@TELLUSTERROR.COM.BR FACEBOOK.COM.BR/TELLUSTERROR

Faz três anos que a lástima do Metal Open Air aconteceu, para o nosso desgosto. Tinha tudo para ser um evento incrível. Mas se recordam, não foi bem o que foi visto.

Três anos se passaram e nada, absolutamente nada, aconteceu desde então. Algumas pessoas ganharam algo na justiça atribuindo a culpa a outros a fim de serem ressarcidos do seu prejuízo, afinal, o evento é um produto e o consumidor deve reclamar de seu direito.

Desde aquele abril de 2012 os responsáveis por aquele evento, menos a produtora local, Lamparina Filmes & Produções, que está calada e a que mais sofreu julgamentos, estão realizando eventos a torto e a direito.

O fã não deve se preocupar se vai rolar

o show da tal banda, mas deve se preocupar, também, quem é a produção do evento, pois, se acontecer algo, você sabe a quem deve procurar, é básico isso, mas é necessário lembrar.

Deem preferência as produtoras que não tenham histórico problemático, sejam mais corretas em suas posturas. Continuando deste jeito, nunca haverá um julgamento e deixa margem para outros erros acontecerem.

Infelizmente, os falsos produtores continuam a atuar e os fãs a irem em seus eventos. As pessoas realmente esquecem de quem promoveu calotes, prejudicou pessoas e lesou muita gente.

É isso aí, continuem a apoiar quem um dia te roubou. Você esqueceu mesmo!





# TABLE OF CONTENTS

- 07 - **Coluna** - Doomal
- 11 - **News** - World Metal
- 14 - **Entrevista** - Camus
- 20 - **Lapada** - Disciplinadores do Metal
- 24 - **Entrevista** - Rodrigo Flausino
- 30 - **Entrevista** - Land of Tears
- 34 - **Capa** - Soturnus
- 42 - **Live** - Eluveitie em São Paulo
- 48 - **Live** - Sick Of It All
- 54 - **Live** - Monsters of Rock
- 58 - **Entrevista** - Purpura Ink
- 62 - **Entrevista** - Morfolk
- 66 - **Review** - Satyricon
- 70 - **Perfil RM** - Dani Nolden (Shadowside)
- 76 - **Coluna** - O que estou ouvindo?



## ROCK MEETING

**Direção Geral**  
Pei Fon

**Revisão**  
Rafael Paolilo

**Capa**  
Alcides Burn

**Colaboradores**  
Jonathas Canuto  
Leandro Fernandes  
Marcos "Big Daddy" Garcia  
Mauricio Melo (Espanha)  
Vicente de A. Maranhão

**CONTATO**  
[contato@rockmeeting.net](mailto:contato@rockmeeting.net)





BLACKOUT  
DISCOS

ORGULHOSAMENTE APRESENTA



**SÁBADO / 23 DE MAIO**

**CLUBE PORTUGUÊS DO RECIFE – 21H**

**INGRESSOS: 1º LOTE: R\$ 70 (ESTUDANTE) / R\$ 80 (SOCIAL)  
APENAS 300 INGRESSOS DE 1º LOTE**

• BLACKOUT DISCOS: (81) 3221-2091 • DISCO DE OURO: (81) 3423-3345 • VINIL ALTERNATIVO: (81) 3222-2385  
• GIG (SHOPPING RIO MAR): (81) 3327-0796 • GRAMOPHONE (RUA DA CONCÓRDIA): (81) 3464-6298

VENDAS ONLINE  TicketBrasil  
com.br

APOIO

BVRN/ART  
THE WORK/ALCIDES BURN

ROCK MEETING

**Doom**

Por Vicente de A. Maranhão

Alia O'Brien (Bloody Ceremony)



## DAS MULHERES E O DOOM METAL

O Doom Metal é uma vertente do Heavy Metal que tipicamente usa ritmos lentos, guitarra com afinação baixa e um som mais “encorpado” ou “pesado” que os outros gêneros de metal. Tanto a música quanto as letras tendem a evocar um sentimento de desespero, pavor e desgraça iminente. É um gênero que as mulheres, em parte, ajudaram a formar: Coven, e sua cantora Jinx Dawson, prefigurava o interesse do Black Sabbath com o ocultismo. Um interesse que viria a definir pesos pesados como Saint Vitus e Electric Wizard e uma centena de outras bandas.

Claro, desde os dias sagrados do Black Sabbath houve a polinização cruzada: Sludge é o Doom com vocais Hardcore. Occult Rock é o Doom tradicionalista, com uma estética influenciada pela década de 70 e músicas minimalistas. Death/Doom se trata de vocais guturais através progressões de acordes característicos do Death Metal. Stoner Doom, apropriadamente, vadeia através de uma névoa espessa de psicodelismo e lisergia. Os exemplos citados acima apenas pontuam alguns dos vários subgêneros existentes no cenário atual.

O que todos eles têm em comum, além da tag “Doom”, é que para as duas últimas dé-



cadadas as melhores e mais brilhantes bandas estão cheias de mulheres. Ouvir um cantor masculino soa quase como um regresso pitoresco, a nostalgia para uma emoção incondicional do início de Candlemass: todas as harmonias de guitarra e letras fúnebres de dor como “Por favor, deixe-me morrer em solidão-uuu-de”.

Desde que Gazelle Ámbar Valentine murmurou ao longo dos riffs mortos para a Jucifer, através de sua demo Nadir de 1994; desde que Lori S. esculpiu sua primeira effigie Stoner com o debut álbum de Acid King em 1995; ou mesmo quando com apenas 17 anos de idade, Runhild Gammelsæter gorgolejava seu caminho juntamente com o lendário Thorr's Hammer para a gravação do EP Dommedagnatt em 1996, as mulheres têm vindo a assegurar progressivamente o seu domínio no Doom Metal.

Não há mais uma padronização do gênero, não se trata apenas de uma participação nos discos, como por exemplo o Celtic Frost e Paradise Lost empregando “vocalis femininos” como uma predefinição de um teclado, um instrumento de fundo e presos fundamentalmente as influências da estética gótica.

Agora temos mulheres assumindo o posto de frente dos palcos antes de pilhas enormes de amplificadores, empunhando machados e fazendo seu próprio tipo de barulho infernal.

Atualmente, temos visto grandes destaques como a música incandescente de Wit-



Acid King



Kylesa



Jucifer



Uta Plotkin (Witch Mountain)

ch Mountain, o sludge enlouquecido do Kylesa, os guturais enfurecidos de Grey, o som ensurdecido do Boris, os rituais psicodélicos de Blood Ceremony, o satanismo obscuro de Riti Occulti, os primitivos encantamentos silvestres de Rose Kemp, etc...

Infelizmente, ainda há alguma resistência na cena que revela uma tendência definida quando se escreve sobre as mulheres no metal. Há a suposição de que os vocalistas do sexo masculino são uma norma imutável, além da completa sexualização estereotipada para definir bandas compostas por membros femininos

Curiosamente, porém, mesmo os doomeds que ridicularizam as bandas por ques-

tão de sexualidade, podem ser encontrados dando opiniões positivas com algumas dessas bandas. Parece haver uma regra dura e rápida em jogo aqui: se a música funciona, funciona. Em última análise de gênero, sexo e raça são secundários à própria arte.

É quase ideal, mas é um fator positivo: a cobertura da mídia sobre essas bandas, o sucesso que obtiveram, superam as poucas vozes insensíveis. Pode haver disputas sobre se uma banda é metal ou Hard Rock, mas ninguém está questionando as potencialidades musicais do gênero.

Esse reconhecimento dos headbangers e mídia especializada tem um motivo específico. As bandas de Doom com presença

feminina hoje não se contentam apenas uma autorreferência tocando os mesmos riffs sa-báticos ad infinitum; elas estão mergulhando em experimentações sonoras e harmonias vocais ao longo de graves subsônico, mesclando sua sonoridade arrasta e desacelerada sob os gritos de Riot Grrrl, levando a música para alturas gloriosamente estranhas.

A hegemonia masculina está desintegrando! Aos poucos vamos vendo cair o véu arcaico da misoginia no underground e vamos contemplando os novos horizontes fortuitos a serem alcançados dentro do Doom Metal.



SECRET GARDEN TOUR

ANGRA

PARTICIPAÇÃO

DUNE ★ HILL

SÁBADO 30/MAIO | CLUBE INTERNACIONAL DO RECIFE • 21H | ABERTURA DOS PORTÕES AS 20H

1º LOTE (APENAS 300 INGRESSOS):

R\$ 60,00 (ESTUDANTE) • R\$ 70,00 (SOCIAL + 1KG DE ALIMENTO)

PONTOS DE VENDA

• BLACKOUT DISCOS: (81) 3221-2091 • DISCO DE OURO: (81) 3423-3345  
 • VINIL ALTERNATIVO: (81) 3222-2385 • GIG (SHOPPING RIO MAR): (81) 3327-0796  
 • GRAMOPHONE (R. DA CONCÓRDIA): (81) 3464-6298

VENDAS ONLINE



APOIO



ROCK MEETING

MANAGEMENT



WWW.TOPLINKMUSIC.COM  
WWW.ANGRA.NET

## “UNLEASH YOUR HELL”

A banda paulistana **Blackning**, composta por Cleber Orsioli (Guitars/Vocals) Francisco Stanich (Bass/Backing Vocals) Elvis Santos (Drums), acaba de lançar novo vídeo de seu primeiro álbum, “Order of Chaos”, de 2014. “Unleash Your Hell” pode ser conferido na imagem

ao lado, é só clicar nela para visualizar o videoclipe dos caras. Para conhecer mais o trabalho da banda, na página oficial no Facebook ou o site, você tem acesso a mais informações e trocar ideias com os integrantes do Blackning. A nova promessa do Thrash Metal brasileiro vem recebendo boas notas da crítica nacional e sendo destaque em muitas delas. E ainda no site oficial da banda, você pode ouvir o “Order of Chaos” na íntegra e tire suas conclusões sobre este powertrio do Thrash brasileiro.



## “SEGUNDA PORTA”

A banda **Aurora Rules** anunciou por seu de sua fanpage no Facebook que estão com novidades: O clipe da música “Segunda Porta”, está em fase final de produção e deve ser lançado muito em breve. A faixa é parte que integra o EP “Ideal de Nós”, lançado no ano passado. Acompanhe estas e outras informações na fanpage da banda. Acesse **AQUI**.



## NOVO ÁLBUM

A banda paulista de Doom Metal, **Mythological Cold Towers**, acaba de lançar seu quinto álbum “Monvmenta Antiqva”, sendo o sucessor de “Immemorial”, lançado em 2011. Após 21 anos de se surgimento, a banda decidiu lançar o novo play de forma independente, tendo como distribuidor oficial, o renomado selo underground brasileiro, Nuktemeron Productions, em atividade desde 2005.





## PRÉ-VENDA

Chega às lojas em Maio o novo álbum de estúdio do **Noturnall**, “Back To F\*\*\* You Up!”. Os fãs já podem ouvir trechos de todas as músicas de “Back To F\*\*\* You Up” no hot site exclusivo. . O trabalho foi gravado no Estúdio Fusão em São Paulo e será sucessor do aclamado disco de estreia autointitulado. O disco já está disponível para pré-venda neste endereço - <http://www.prevendanoturnall.com>

## “OBEY THE BRAVE”

O Tomarock Produções e Tellus Records anunciaram os canadenses do Obey The Brave, uma das grandes sensações do metalcore mundial, como os protagonistas de mais uma edição do evento, que acontecerá no mês de Maio em Cascadura. No lineup das atrações da noite está o **Maieutica**, velhos conhecidos do público do RJ, assim como tem ganhado destaque no país inteiro em função do excelente trabalho que a banda vem fazendo, principalmente após o lançamento do seu primeiro álbum oficial, quando a banda conseguiu obter maior notoriedade. O evento também contará com os brasilienses do Lost in Hate e as bandas No Trauma e Deus Castiga, do RJ. A banda Maieutica deve anunciar oficialmente novas apresentações nos próximos dias, uma delas, com a banda inglesa Architects, que anunciou que passará pelo Brasil em sua atual tour.



## NOVO ÁLBUM 2

Na reta final de sua já bem sucedida campanha de financiamento coletivo para o lançamento do novo álbum, os mineiros do **Lethal** apresentam a capa de seu quarto álbum de inéditas, “Principles of a Past Tomorrow”. A arte foi desenvolvida pela artista Gio Guimarães, Mestre em Belas Artes pela UFMG e desenhista da produtora brasileira de animação Copa Studios.



## NOVAS DATAS DA TURNÊ

O heavy metal feito nas Américas do Norte e do Sul vão se unir em Maio para uma turnê inédita que vai passar pelo Brasil e Argentina. As bandas **Adrenaline Mob**, **Noturnall** e **Republica** promovem juntas a “New Wave Of American Heavy Metal Tour” que contará com oito datas: dia 07 no Granfinos em Belo Horizonte/MG, dia 08 no Circo Voador no Rio de Janeiro/RJ, dia 09 no Carioca Club em São Paulo/SP, dia 10 no Iguatemi em Juazeiro do Norte/CE, dia 14 no Chai Hall em Guarapuava/PR (nova data em substituição ao show anteriormente anunciado para o dia 13 em Santiago, no Chile), dia 15 no Music Hall em Curitiba/PR, dia 16 no Bar da Montanha em Limeira/SP e dia 17 em Buenos Aires/Argentina no Teatro Vorterix.



## CROWDFUNDING

a banda gaúcha **Carniça** celebra seus 24 anos com o anúncio de uma campanha de “crowdfunding”, a ser divulgada em breve. Trata-se do lançamento em vinil de seu primeiro disco, “Rotten Flesh”, lançado em 1998. Além dos track list original do álbum, serão incluídas três faixas bônus, de regravações de músicas contidas em suas primeiras demos. Por hora ouça “Rotten Flesh” na página oficial da banda no soundcloud [AQUI](#).



## ROADIE METAL VOL 3

O **Tellus Terror** levará seu MMS para a já tradicional compilação criada e mantida pelo programa Roadie Metal. O projeto está em sua terceira edição. A banda carioca abre o primeiro disco com a faixa ‘Bloody Vision’. Estão também presentes nomes como Guted Souls, Individual, Fates Prophecy, Incognoscl, entre outros clássicos e emergentes da música pesada nacional. Para saber mais da banda, visite a página oficial no Facebook - <https://www.facebook.com/tellusterror>



A photograph of three men standing in front of a rough, grey stone wall. The man in the center is wearing sunglasses, a beard, and a dark denim shirt over a black t-shirt, with his arms crossed. The man on the left is wearing a dark denim shirt over a black t-shirt. The man on the right is wearing a dark blue denim shirt over a black t-shirt and has a watch on his left wrist. Overlaid on the image is the band name 'RAM' in a large, stylized, outlined font with a yellow-to-orange gradient. The text is positioned across the middle of the image, partially covering the men's torsos.

**RAM**

“Vontade de tocar e fazer aquilo que gosta”



**C**arregado de pura energia e força, o Camus cativa logo de cara com seu som saudosista. Conseguindo grande êxito naquilo que faz. Oriunda do Nordeste, eles também conseguem de maneira natural mostrar a força que a região tem quando se trata de som pesado e de qualidade. Conversando com Marcelo, Jones e Thiago, eles nos explicam um pouco de tudo e também os frutos que a banda vem colhendo.

**E aí banda, tudo certo?! Então, de onde surgiu o nome Camus?**

**Marcelo Dias:** Tudo certo!

**Jones Johnson:** tudo sim!

**Thiago Souza:** Tudo certo sim, o nome surgiu durante um ensaio, de início seria temporário mas acabamos gostando.

**Esse nome soa como as antigas bandas “hardão setentista”. Vocês têm alguma influência desse passado glorioso que o rock/metal viveu nessa época?**

**Marcelo:** Eu diria que 70% do nosso som é influência do rock dos anos 70/80, desde o Accept, Black Sabbath, Dio, Rainbow, Saxon, Iron Maiden. Crescemos ouvindo essas bandas.

**Jones:** É como Marcelo disse. Nosso som tem bastante influência dessa era do rock. Eu mesmo sou muito influenciado pelo Iron Maiden, banda que sou fã há bastante tempo. Claro que a gente tenta desviar um pouco do tradicional colocando elementos mais progressivos.

**Thiago:** Quem não tem? Além de tantas outras, tudo que gostamos de ouvir acaba sendo

refletido nas músicas.

**O cenário nordestino tem crescido de forma monstruosa e bandas que vêm daí são de qualidade acima da média, assim como o Camus. O que se dá a esse crescimento da região na cena?**

**Marcelo:** Talvez seja a vontade de tocar e fazer aquilo que gosta. Não sei explicar. O público em shows de rock e metal aqui em Recife é muito forte e comparece sempre, talvez isso estimule novas bandas surgir a cada dia.

**Jones:** Muitas bandas não tem o devido espaço para divulgar seus trabalhos. Como o cenário vem crescendo bastante aqui em Recife, principalmente o crescimento de bandas que caminham no mesmo estilo que o nosso, é natural que outras bandas apareçam e queiram fazer parte desse novo cenário.

**Thiago:** Acreditar no trabalho, vontade de fazer a coisa acontecer, deixar o coitadismo de lado e mostrar a força da nossa região. A cena aqui sempre foi forte, só o que faltava era uma atenção maior.

**Com relação ao público, a fidelidade e respeito são grandes?**



**Thiago:** Isso é bem relativo. Infelizmente ainda existe o stigma de que bandas de fora são melhores. Sinto que às vezes rola um preconceito com determinados estilos e principalmente com bandas novas. Da mesma forma que tem a galera que chega junto, instiga nos shows e apoiam as bandas, tem os “trues” que pararam no tempo.

**Desde o surgimento da banda em 2010 até os dias de hoje, onde vocês mais sentiram um amadurecimento maior.**

**Marcelo:** Sinto que amadurecemos bastante na forma de compor e arranjar as músicas.

**Jones:** A forma de arranjar as músicas foi o

que mais mudou desde o começo. Agora estamos mais próximos em termos de composição. Cada um já sabe mais ou menos o que o outro busca fazer e a gente vai ajustando a música no decorrer das ideias que temos em casa ou no estúdio.

**Thiago:** O entrosamento cresceu bastante do início pra cá, acredito que amadurecemos a cada dia em todos os aspectos, composições, performances ao vivo, nos tornamos mais profissionais.

**Com está a agenda de shows e festivais pra esse ano?**

**Marcelo:** Estamos marcando algumas datas





para a divulgação do Heavy Metal Machine, esperamos ainda nesse mês de maio divulgar algumas datas.

**Jones:** Algumas datas serão divulgadas em breve. O mês de maio será de novidades.

**Thiago:** Em breve teremos mais informações. Ainda temos datas disponíveis.

**Já existe algum contato ou até mesmo trabalhos divulgados no exterior?**

**Thiago:** No momento estamos focando no mercado brasileiro em parceria com a Black Legion Productions, desejamos focar o mercado internacional só no próximo ano mesmo.

**A Coletânea chamada “Gladiadores do**

**Heavy Metal’ conta com a participação de vocês. Como estão encarando esse trampo?**

**Marcelo:** Foi uma honra sermos convidados pelo Hugo Veikon e Willian Rocha do Arena Metal para participar da primeira coletânea do site.

**Jones:** Levei um susto ao saber da notícia! A gente se sente honrado por fazer parte dessa coletânea. Hugo Veikon e Willian Rocha são fundamentais para a divulgação das bandas aqui e fico muito feliz por eles estarem contribuindo com a gente.

**Thiago:** Fiquei muito feliz em saber que confiam e acreditam no nosso trabalho, o Arena Metal é um grande parceiro e estar ao lado de grandes bandas é muito gratificante.

**“Heavy Metal Machine” é o mais novo EP da banda, conta com uma sonoridade mais densa e evoluída. Como tem sido a resposta da mídia e também do público?**

**Marcelo:** A melhor possível! O EP está sendo sucesso de críticas, seja de sites especializados e até do público que nos acompanha através da nossa página do Facebook. Chegamos a essa sonoridade junto com o produtor Nenel Lucena, ele nos ajudou muito nesse processo.

**A música “Dreams and Shadows” tem uma pegada bem “old school”, essa mescla entre a novidade e o saudosismo é também uma característica da**

**banda?**

**Marcelo:** A intenção é inovar e às vezes trazer velhas influências. Na Dreams and Shadows temos riffs pesados e momentos regionais, claro que isso já foi explorado por diversas bandas, então nós tentamos fazer um pouco diferente, deixamos a música seguir até esse momento ao invés de impor isso na música. Todas as nossas músicas surgem dessa mesma forma, deixando a música fluir e ver o caminho que ela leva.

**Thiago:** Sim, nosso som é influenciado não só por bandas clássicas. Acho importante a banda ter sua identidade se não vai ser sempre a banda que parece com Iron Maiden, por exemplo, gosto de comparações ao ponto de ser tão bom quanto uma banda foda, mas ao ponto de ser igual, não.

**Agradeço pela entrevista e desejo bastante sucesso, o espaço aqui é de vocês!**

**Marcelo:** Nós que agradecemos ao pessoal da Rock Meeting pela oportunidade. Também gostaria de agradecer ao Alex Chagas da Black Legion Productions pela força e ao público que nos segue e acredita no nosso potencial, só temos a agradecer e estamos loucos pra divulgar a agenda e cair na estrada!

**Jones Johnson:** Agradecemos ao pessoal da Rock Meeting, ao Alex Chagas da Black Legion Productions pela parceria, à Nenel Lucena por ter nos ajudado com o EP e a todo mundo que curte o Camus no Facebook! Em breve muita novidade!

**Thiago:** Agradeço ao pessoal da Rock Meeting por confiar no nosso trabalho, à galera que curte nosso som e nos seguem na nossa page e ao Alex Chagas e o Nenel Lucena pelo grande trabalho que estamos desenvolvendo juntos nessa caminhada. KEEP THE METAL FLAME ALIVE!!!!



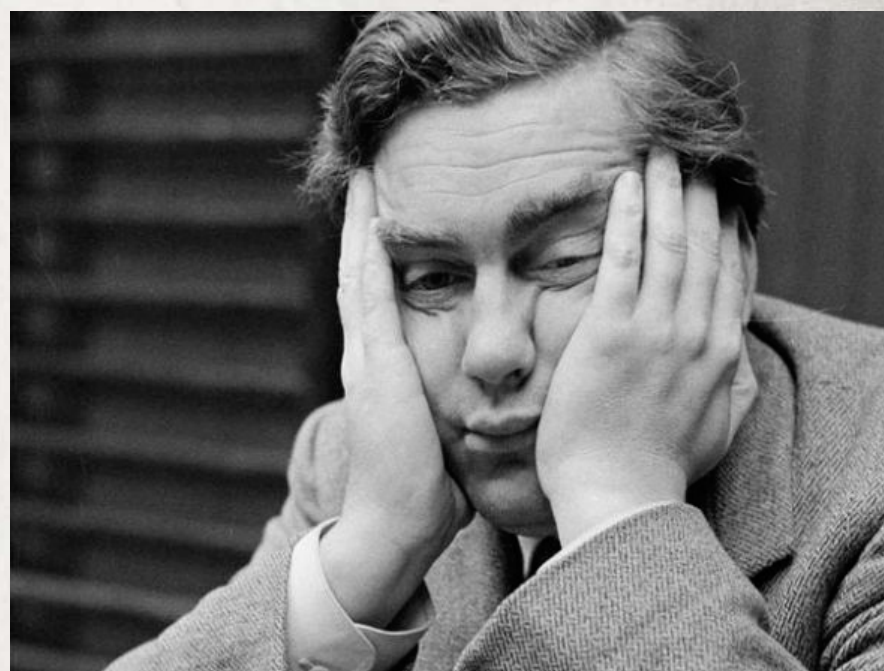
# DOCTRINADORES DO METAL

## A ESCÓRIA MAIS CHATA DO MUNDO

“Não pode usar camisa que não seja preta”, “não pode tocar de bermudas”, “Metalcore e New Metal não são Metal”, “fã de Metal não pode ouvir outros estilos” e algumas outras afirmações como essas são ouvidas por todos na cena Metal todos os dias. Sim, esse tipo de coisa já faz parte de nossas vidas dentro do cenário. E verdade seja dita: além de ser um verdadeiro SACO, nenhuma regra ditada por veteranos ou líderes (sim, eles existem, embora se ocultem) não possui sentido real.

Vamos por partes e com muita calma.

Sobre usar camisetas pretas, não sei se muita gente já se deu conta, mas, em geral, bandas grandes de fora de nosso país, algumas bem velhas e históricas, não dão a mínima para esta regra. O Black Sabbath nos anos 70 é um ótimo exemplo, já que o visual da banda puxava mais para algo entre o movimento Hippie e o comum, muitas vezes com o preto ausente. O Iron Maiden cansa de usar roupas que não são pretas (lembra das cal-



ças de lycra usadas na época da World Slavery Tour, imortalizadas no vídeo “Live After Death”? Pois é), e mesmo bermudas. Será que algum doutrinador do Metal teria a coragem de falar de ambos? Se tiver, não é coragem, mas burrice mesmo.

Sobre as bermudas, Iron Maiden, Anthrax, Pantera e uma penca de bandas entre os 80 e 90 usavam. Ah, é a falta de spikes que te incomoda? Sabia que isso é uma herança do Punk Rock, que o Judas Priest chupinhou



sem pudor algum?

No fundo, a parte de vestuário que foi sendo desenvolvida ao longo dos anos 70 deveria ter alguma relação com o clima (lembrem-se: Inglaterra e boa parte da Europa possuem climas bem amenos, ou são extremamente frios, quase exigindo o uso de roupas pesadas. Tentem fazer isso no Rio de Janeiro ou Natal, como eu já fiz, e bem-vindo ao mundo das desidratações extremas que tive.

Sobre os gêneros de Metal que vieram após os anos 80 (já que o headbanger brasileiro usa uma bola de ferro atada à mente que prende-o nessa época), não me levem a mal, mas os anos 80 não foram o fim da evolução do gênero. Gostem ou não, o Metal não parará de evoluir porque você já morreu. Sim, você está morto se não compreende a questão de evolução. E não me venha como “ah, mas eu não gosto”, pois seu gosto não justifica ficar vomitando regras como se fosse um deus. Metalcore, New Metal, Hardcore Metal

e sei lá mais sejam, são extremamente bem-vindos, pois são como o Thrash, o Death, o Black e tantos outros: frutos da criatividade de alguns que não aceitaram ficar limitados a padrões bolorentos. Ou você vai querer ficar como George de Burgos, do clássico “O Nome da Rosa”, falando em “uma saudável recapitulação”? Se essa é a sua, sinto muito em dizer, mas sua mania de explorar o mofo afetou sua capacidade cognitiva.

Pessoalmente, comecei no Metal em 1983, e tive que suportar na mais tenra idade esses doutrinadores do Metal em minha vida, e cai na arapuca. O resultado foi terrível em muitos aspectos, mas o pior foi a perda de tempo: eu poderia ter curtido muitas bandas legais de Hard ainda no seu auge (os anos 80), mas por causa do radicalismo das regras, perdi essa chance. Uma chance que era meu direito, e foi tomada de mim. E isso sem falar no dinheiro que gastei com discos lixões na época. Discos que hoje seu amiguinho radi-



cal doutrinador acha o máximo, mas que foram na época, são hoje e sempre serão lixos quando comparados a outros daquele mesmo período, por bandas do mesmo país. E vou direto, exemplificando: o que tem de garoto babando o “Immortal Force” do Mutilator não está no gibi. Eu tive esse, e em menos de 15 dias, passei para frente. E se comparado com “I.N.R.I.” do Sarcófago ou “Abominable Anno Domni” do Chakal, ou seja, o mesmo tempo, o mesmo país e região, além das mesmas condições. Não dá nem para aquecimento. E não ponho o gosto pessoal nisso, basta ouvir os discos e comprovarão o que digo. A menos que seu doutrinador pessoal te diga o contrário.

A verdade é: aqueles que vomitam regras para si e outros podem ser encaixadas em três grupos de finalidades.

A primeira, baseada no argumento da ingenuidade, é uma necessidade pré-adolescente de se afirmar como alguma coisa, o que é desnecessário em termos musicais. Você ouve, e pronto. O conhecimento do que é, sobre o que são os subgêneros e como diferenciar uma coisa da outra vem a posteriori.

A segunda, menos nobre, é a necessidade de criar padrões para entendimento. Sinto muito, mas é necessário que sua mentalidade evolua para compreender o todo, e não restringir.

O terceiro, o mais sujo e escuso, é a necessidade de governar, de controlar algo. Ou seja, você é bombardeado de regras para que possa ser controlado. Se não se encaixa, não poderá fazer parte de certos segmentos e grupos. E nesse caso, o doutrinador nada mais quer do que pensar por você, controlar sua forma de ver e pensar as coisas. A motiva-



ção é simples: controlando você, ele o guiará para onde ele quer, para fazer o que ele diz, e assim, algum tipo de lucro ele terá. Basta observar, e vou mais longe: ele nunca foi seu amigo, logo, por que lhe dar ouvidos?

As pessoas que querem doutrinar alguém em um estilo musical fazem papel análogo ao de alguns religiosos corruptos que conhecemos: dominam e alienam as pessoas para o benefício próprio, mais nada. Criticam os fanáticos religiosos, mas usam das mesmas ferramentas e regras puritanas para controlar sua mente. E uma vez presos, o preço a se pagar para sair é invariavelmente amargo.

O Metal surgiu como um movimento musical livre de regras. Foi assim que ele cresceu e se diversificou, foi assim que nomes como Black Sabbath, Motorhead, Iron Maiden, Metallica, Bathory, Mayhem, Burzum, Fear Factory, Ministry, Rotting Christ e outros se sobressaíram: porque eles ditavam o



próprio padrão, não seguiam ninguém, a não ser a própria ideia. Tinham influências musicais, mas faziam as coisas de sua própria maneira. E ainda lembro o quanto estas mesmas bandas tiveram que encarar de vomitadores de regras, e todos foram respondidos à altura: com desprezo ou ironia.

Se quiser ouvir Iron Maiden, Killswitch Engage, Morbid Angel, Behemoth, Mayhem, Kreator, Metallica (velho ou novo), Petra, Mortification, Dark Funeral, Motorhead, Poison, Bom Jovi, e gostar de todos eles, o que te proíbe? Se o faz, é coerente com você e seu gosto. “Tá errado” (ou algo semelhante) é a primeira coisa que vai ouvir de alguns doutrinadores e seus seguidores, mas em termos de gosto musical, essa afirmativa faria sentido? Em geral, quem mais tem essa pregação é o pessoal metido a anos 80, mas tirando alguns poucos veteranos que estão aí, ainda na ativa, 90% dessa turma nem estava no saco do pai

quando a época estava acontecendo. E este autor, que é da época, cansou de ouvir fãs mais velhos espinafrando bandas de Thrash e Death Metal como “barulho”. Apenas dava as costas a essas pessoas, e hoje, faço isso ainda mais amplamente. Minha experiência como ser humano me deu clareza suficiente para tanto.

Despreze generais do Metal, doutrinadores, e mesmo os mais velhos, seja livre, viva, vista-se e ouça o que bem desejar. É seu direito de ser livre, o Metal não te pede nada disso, e quem vomita regras, no fundo, é um hipócrita, que vive na auto-negação por um longo tempo, as vezes por toda a vida, para manter uma pose.

Encerro este texto com as sábias palavras de Pierre-Josef Proudhon: “Aquele que botar as mãos sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu o declaro meu inimigo.”



## RODRIGO FLAUSINO

Por Leandro Fernandes (leandro@rockmeeting.net)  
Foto: Divulgação

Com 20 anos de estrada e com um currículo de dar gosto, Rodrigo Flausino pode se vangloriar de sua excelente carreira até o momento trabalhou com grandes músicos nacionais e internacionais. Recentemente, foi lançado o EP autointitulado e mostra que o guitarrista está mais afiado a cada dia. Conversamos com ele pra nos detalhar mais sobre seu projeto solo e também sobre as bandas em que já tocou. Boa leitura!

**Tudo bem cara? Então, um ano já de lançamento do excelente EP que leva o seu nome, como foi e como está a repercussão dele até o momento?**

Estou contente com o resultado, até aqui. Direto as pessoas vêm me falar que escutam no carro, na internet, perguntam onde compram o CD. Muitos vêm e dizem: “Eu curti seu som, aquele do clipe que você está tocando na rua entre os carros” (risos). Apesar de sempre estar envolvido em projetos de música autoral eu tive uma exposição grande fazendo cover, principalmente com a Children Of The Beast e a Destroyer. Além de viajar o Brasil todo tocando rolou até programas de TV, capa de revista, etc. Com este EP, uma das coisas que eu queria era mostrar meu som pra galera que me conheceu fazendo cover. E deu certo! Hoje em dia a galera vem me parabenizar pelas minhas músicas, de minha autoria.

**Você também é integrante da banda “Hatematter”, como é conciliar os trabalhos entre banda e carreira solo?**

Na verdade no que me dedico agora 100% é a banda HardStuff. É uma banda que começamos fazendo covers - principalmente

de Hard Rock - e a química é tão grande que começamos a fazer músicas juntos. Estamos compondo pra lançar material autoral com a HardStuff nos próximos meses. É uma linha Melodic Rock, com influências de Gotthard, Eclipse, W.E.T., Journey, Queen, etc. Estou muito animado e feliz com o que estamos produzindo. Com esse projeto autoral da HardStuff mais os shows que fazemos direto fica difícil conciliar com mais trabalho no momento. A Hatematter eu gravei todas as guitarras do álbum Foundation, mas o último show que fizemos já faz uns 9 meses. No meu trabalho solo instrumental é quase impossível arrumar uma gig decente. Digo isso, pois preciso pagar os músicos que vão me acompanhar e se não rola um cachê razoável fica inviável. Já com a HardStuff, eu uno o útil ao agradável. Já tocamos direto, fazemos o que gostamos, temos química e admiramos uns aos outros como músicos. Estamos recebendo cada dia que passa mais e mais convites pra tocar e agora o desafio é testar nosso som autoral pra esse público que estamos formando. Estamos bastante confiantes, pois muitos perguntam se temos músicas nossas! Já rolou de tocarmos meu som “Pointless Race” na noite e foi legal! A galera curtiu.

**Entre as músicas contidas no EP, existe alguma que o carinho por ela é mais especial?**

Eu gosto da “Never Come Back”. Tentei botar um sentimento meio que de “saudades eterna” nela. Eu explorei sonoridades diferentes com conduções harmônicas e tempos variados. Quando começamos a mixar ela no estúdio fiquei muito orgulhoso em ouvir aquilo. Tem

“O desafio é testar  
nosso som autoral”





climas diferentes, tem melodia, tem peso. Enfim, acho que é minha favorita.

**Sobre a banda “Children Of The Beast”, você continua trabalhando com os caras?**

Não toco mais na banda já faz uns 2 anos e meio, mas mantemos a amizade. Estamos quase sempre juntos, seja um no show do outro, seja em churrascos, “no rock” por aí. Estamos sempre nos falando. Eu chamei o Pedro Migliacci para participar do meu EP – ele gravou um solo animal na “Slacker’s Jam”. Tanto o Pedro quanto o Eric Claros e meu irmão Ricardo Flausino (que é da HardStuff) temos feito um tributo ao Helloween (Children Of The Seven Keys) com o Bruno Sutter. Enfim, ainda trabalhamos juntos de alguma forma.

**Já se tem notícias de seu EP no exterior?**

Só na divulgação via Facebook e Youtube eu fiquei sabendo que rolou meu som mais de uma vez numa rádio no Reino Unido. Cheguei a vender CD na Finlândia, Alemanha e Japão. Apesar de poucas unidades foi gratificante ver pessoas mundo à fora se interessan-

do pelo meu som.

**Você já trabalhou com grandes nomes do Metal Nacional e também internacional, qual lição ou proveito que um músico tira com essas experiências?**

Várias. Cada pessoa agrega de alguma maneira seja no modo de tocar, gravar, trabalhar. Por exemplo, quando tocamos com Paul Di’anno (ex-vocal do Iron Maiden) e com o Phil Lewis (vocal do L.A. Guns) percebi como é importante você ter verdade no que você faz. É isso que faz um verdadeiro artista. Recentemente gravei com o Brendan Duffey o álbum da Hatematter e aprendi muita coisa na gravação – coisas como gravar já com efeitos de guitarra, misturar som de amplis, execução.

**Fazer Metal hoje em dia no Brasil é mais fácil do que há 20 anos?**

Eu comecei há pouco menos de 20 anos (risos). Mas, na época, a ideia era tentar gravadora ainda. Já rolava o corre independente de algumas bandas, mas a internet estava meio que começando ainda então era mais difícil. Não tinha ainda as redes sociais como Facebook e Youtube que ajudam muito hoje na divulgação. Mas eu só comecei a tocar um pou-





co melhor na época que surgiu o Napster. Ou seja, peguei a fase em que as coisas estavam mudando pra valer e rápido.

**Sobre o público, como é sua relação músico/fã?**

Sempre possibilito contato direto e canal aberto com as pessoas que tem interesse no meu trabalho. Sem demagogia nenhuma, entendendo totalmente que não chegamos a lugar algum sozinho. Se você toca você precisa de músicos pra formar uma banda. Ou então, como banda ou artista solo, você precisa de “seguidores” pra viabilizar seus projetos. Você precisa de casas pra tocar e as casas precisam dos artistas/músicos. Enfim, vivemos em sociedade e são as pessoas em conjunto que fazem acontecer.

**“Pointless Race” é uma música que soa bem diferente, a primeira a ser disponibilizada e muito boa e intensa por sinal. Existe um “tempero” a mais nela?**  
Ah, eu faço aquilo que soa bem aos meus ou-

vidos. Eu comecei com uma ideia para o tema. Aí eu tinha uma ideia para o refrão que ficava legal juntar. Então comecei a imaginar um riff de introdução que fui lapidando. Depois pensei em ideias pra climas e arranjos diferentes. Foi um trabalho de meses, mas valeu a pena.

**Gostaria de agradecer sua atenção e tempo para nos responder. Desejo sucesso sempre. Esse espaço é seu!**

Muito obrigado! Gostaria de aproveitar e convidar a todos para ouvir e baixar as músicas do EP que estão disponíveis no meu site [rodflausino.com.br](http://rodflausino.com.br). Pra quem tiver interesse, estou dando aulas de guitarra via Skype – pra qualquer lugar do Brasil ou mundo. Curtam também a página da banda HardStuff no [Facebook](https://www.facebook.com/hardstuff) ou acompanhem nosso site [hardstuff.com.br](http://hardstuff.com.br) para ficar por dentro de nossa agenda e novidades. Pra fechar, o álbum que gravei recentemente com a Hatermatter está disponível no [Soundcloud](https://www.soundcloud.com), na íntegra!

BLACKOUT  
DISCOS

APRESENTA

PELA PRIMEIRA  
VEZ NO RECIFE  
NUM SHOW  
INESQUECÍVEL!



**SÁBADO/17 DE OUTUBRO**  
**CLUBE PORTUGUÊS DO RECIFE • 21H**

INGRESSOS 1º LOTE: **R\$ 90** (ESTUDANTE) **R\$ 110** (SOCIAL)  
APENAS 300 INGRESSOS DE 1º LOTE

**PONTOS DE VENDA:**

• **BLACKOUT DISCOS:** (81) 3221-2091 • **DISCO DE OURO:** (81) 3423-3345  
• **VINIL ALTERNATIVO:** (81) 3222-2385 • **GIG (SHOPPING RIO MAR):** (81) 3327-0796  
• **GRAMOPHONE (RUA DA CONCÓRDIA):** (81) 3464-6298

**VENDAS ONLINE**



APOIO

BVRN THE WORK OF ART

ROCK MEETING

[www.TOPLINKMUSIC.COM](http://www.TOPLINKMUSIC.COM)

TOP  
LINK  
www.toplinkmusic.com





Por Leandro Fernandes (leandro@rockmeeting.net)  
Foto: Divulgação

Uma das pioneiras do Brutal Death Nacional se encontra em uma evolução cotidiana. Os caras do Land Of Tears conseguem dar vida a grandes trabalhos com muita garra e força honrando o underground nacional. Robson, líder da banda nos concedeu uma entrevista falando do início da carreira, mudanças de integrantes e até mesmo a inovação do estilo musical, cla-

ro, sem esquecer do aclamado “The Ancient Ages of Makind” disco que a banda lançara recentemente e se encontra em promoção do mesmo. Confira!

**E aí, tudo certo?! Então, pra galera que ainda não conhece o Land of Tears, se apresentem, por favor.**

**Robson Souto (Vocal e guitarra):** Bem,

nós começamos no início de 2000, eu e Sérgio Vianna, baixista até hoje, usando as composições da minha extinta banda o Apocryphon do meado de 90, basicamente eram músicas na linha Death e Doom. Começamos, a partir dali a desenvolvê-las, criando novas sonoridades.

**Recentemente, Leandro Xsa (guitar-**

**rista) se desligou da banda, existiu algum motivo forte pra isso?**

Foi tão somente por motivos de compatibilidade de horários, pois ele começou a trabalhar em um horário que o impossibilitaria de manter-se na banda da forma que se faz necessário. Como todos nós trabalhamos, todos sabem da realidade do músico, precisamos conciliar trabalho, família e música. Ele é um grande amigo e desejamos tudo de bom pois ele merece!

**Já se iniciaram testes para escolher um novo guitar?**

Sim, as coisas no Land of Tears não param jamais. Estamos na fase de testes, temos certeza que é uma questão de tempo para que o novo integrante esteja fazendo parte do grupo. Aproveitando a oportunidade para dizer que continuamos tocando nossa agenda de shows normalmente, nosso amigo Romulo Pirozzi (ex - Dark Thower) está dando uma força para nós.

**O álbum “The Ancient Ages of Mankind” mostra uma grande evolução da banda e uma pegada mais agressiva. Como a galera tem recebido o disco?**

De uma forma fantástica, preciso dizer. Quem escuta só nos fazem elogios. Nós ficamos muito felizes em saber que nosso trabalho agrada outras pessoas em quantidade e qualidade de ouvintes. Quando o escrevemos, como sempre fazemos, a intenção é a banda estar satisfeita, ou seja, quem escuta e conhece a banda sabe que aquele material é feito com carinho e determinação, que é real!

**Com relação ao exterior, como a galera tem recebido o álbum por lá?**

Além do CD estar sendo distribuído nos Es-





tados Unidos pela Cd Baby , nós assinamos com a Imperative Music para participar de sua coletânea de número 9, essa distribuída em todo o mundo: Asia, Japão, Europa, Estados Unidos e no próprio Brasil por diversas gravadoras, entre elas, Nuclear Blast e Relapse. Só recebemos elogios. Na verdade, esse trabalho faz parte de um cronograma traçado antes do lançamento do álbum que inclui um clipe da faixa título já em fase de finalização e da nossa turnê pela Europa. Também participaremos da coletânea da Roadie Metal Radio vol.03 do nosso outro brother Gleison Jr, que também já nos deu a prévia de quem ouviu a resposta sobre o trabalho do Land of Tears. Resposta essa que mais uma vez reforça nossa ideia de que estamos seguindo o caminho certo.

**Existe algum disco que vocês fizeram e hoje pensam que poderia “ter ficado melhor se acrescentasse isso ou tirasse**

**aquilo”?**

Sempre costumo dizer que o agora é melhor do que ontem. Sempre o que ficou pra trás, se comparado com o que está sendo feito agora, você vai achar que poderia ser diferente. Esse é o legal da coisa, você desafiar e se superar no que faz, sempre querendo crescer como pessoa, como músico. Ser hoje melhor do que ontem e hoje melhor do que amanhã. Às vezes acontece de você ouvir um trabalho de uma banda e dizer “o álbum anterior é melhor do que o atual”, você pode ter certeza de que a banda tentou fazer melhor do que antes, mas, por algum motivo, não logrou êxito, ninguém acorda e diz “quero que o dia de hoje seja pior do que ontem” (Risos) Eu não conheço esta pessoa?

**Vocês já estão a quase duas décadas na luta, como tem sido o underground hoje no Brasil para a banda?**

Já refleti muito sobre isso e já tirei as minhas

conclusões junto com meus colegas de banda. O que presta, como tudo na vida, deve ser enaltecido e apoiado e o que não presta deve ser ignorado, logo agradeço primeiramente as nossas famílias que sempre estiveram ali, ainda que parecêssemos sem juízo por gastar tempo e dinheiro em algo que mais se gasta do que se ganha. Ao público que curte e apoia a banda de verdade e a todos os veículos de mídia que sempre nos apoiaram em todos os sentidos. Esse é o underground de uma banda, como disse o que não presta não vou mencionar porque não merece espaço!

**Sobre o público, como a galera tem reagido ao movimento Death Metal. Hoje são mais fieis ou fidelidade não existe mais.**

Como disse anteriormente quem curte e dá apoio de verdade tem meu respeito sempre, quando alguém vem comprar um material nosso e quantas vezes esse alguém está ali só

com o dinheiro pra voltar pra casa contado e fala a situação! Eu digo pro cara “não é a falta de R\$1,00 ou R\$2,00 que você vai deixar de levar nosso material brother!” Eu sei que ele quer de verdade apoiar, quer curtir o som, não quer ficar baixando músicas. Existe público fiel, sim. Basta a banda identificá-lo, estar sempre em contato com ele e, acima de tudo, respeitá-lo.

**Comparando o disco “World Of Pain” com “The Ancient Ages of Mankind”, onde vocês acham que o amadurecimento for a maior?**

Na minha percepção, em tudo, na parte musical, nas letras ,na parte gráfica, tudo foi pensado em todos os detalhes. Tivemos tempo para fazê-lo , fato que diferencia de “World of pain”, por mais que achássemos que tudo foi pensado percebemos e aprendemos muito de um álbum para o outro. Na época, ele foi considerado um divisor de águas em relação a fase anterior das demos “Total Disgrace” e “Canon Episcopo”. O mesmo acontece agora em relação a “the Ancient ages of mankind”, evolução é o caminho

**Agradeço muito por esse bate papo e desejo longa vida ao Land... o espaço é livre!**

Muito obrigado a vocês da Rock Meeting por nos permitir falar um pouco de nossa história. Sem essa oportunidade, não seria possível que as pessoas conhecessem a banda além da música. Obrigado ao nosso público que sempre está conosco, ao nosso assessor Alex Chagas da Black Legion que sempre acreditou em nós e a todos que de uma maneira ou de outra nos auxilia e nos dá o suporte de que tanto precisamos.







**O** Brasil é imenso por natureza. São muitas culturas misturas num só país. A diversidade reina por aqui e isto é fato. Cada região possuiu sua particularidade cultural e sonora. E é sobre o som vindo do Nordeste, que tanto temos orgulho de mostrar, que destacamos aqui, nas páginas da Rock Meeting, mais uma vez.

Conversamos um pouco com Andrei, Guilherme e Rodrigo da banda paraibana de Death/Doom Metal, Soturnus. Música, vida, passado e futuro. Tudo aqui. Não perca esta oportunidade.

**Nesse primeiro encontro, por favor, apresentem-se para nossos leitores.**

**Andrei:** Primeiramente, agradecemos aos leitores da Rock Meeting pelo interesse na nossa entrevista! Nós somos o Soturnus, da cidade de João Pessoa/PB, formada em janeiro de 2000. No início tocávamos gothic metal com vocal feminino e teclados; hoje em dia tocamos um death/doom com vocais masculinos, alternando entre linhas melancólicas e limpas, vocais guturais e rasgados. Atualmente estamos divulgando o nosso segundo álbum full length de estúdio intitulado “Of Everything That Hurts”, disponível no iTunes, CDbaby, Spotify, podendo ainda ser adquirido diretamente com a banda. Convidamos todos a ouvir nosso som e interagir conosco nas redes sociais, Facebook, Twitter e Instagram, deixando suas opiniões e críticas sobre o trabalho.

**A banda sofreu algumas mudanças na formação durante a sua trajetória, o**



Foto: Eric Wagner

**que isso agregou sonoramente?**

**Andrei:** Ao longo dos anos, vários amigos participaram da banda em diversos postos, sendo guitarristas, vocalistas, tecladistas, e todos esses músicos contribuíram para fazer do Soturnus o que é hoje, com suas influências pessoais e identidades musicais. As marcas que essas mudanças de formação deixaram no aspecto geral da banda são consideráveis, tendo um destaque especial às letras de Aline Basso e os riffs de Rafael Basso, membros fundadores da banda que precisaram se ausentar em dados momentos em busca de seus projetos pessoais.

**“Of Everything That Hurts” é o segundo álbum lançado ano passado. Essa dor está bem presente na faixa-título.**

**Fale um pouco sobre o álbum.**

**Andrei:** “Of Everything That Hurts” é um

álbum que para nós faz bastante jus ao título (risos). Nasceu em um momento difícil para nós, pois a banda passava por um processo de consolidação de sua formação. Trocamos de vocalista duas vezes e cada um deles possuía um perfil diferente, fato que causou um impacto expressivo no resultado final do material. O álbum busca expressar ao longo das faixas os sentimentos de dor experimentados pela humanidade, sejam físicos ou psicológicos, e buscamos fazer isso explorando as várias nuances vocais de Rodrigo Barbosa, acompanhadas por um instrumental adequado às partes, passando por guitarras limpas a partes rápidas e impetuosas. Contamos com o trabalho do excelente produtor musical Victor Hugo Targino, que acompanhou a banda durante todo o processo de gravação, realizando ainda a mixagem e masterização do material.

**“Empty Man” é intimidador. A sensação que dá é estar cheio no início e se esvaziar ao final, é isso mesmo?**

**Andrei:** É quase isso! (risos) Imagino “Empty Man” da seguinte maneira: na medida em que o eu lírico inicia a sua trajetória com resquícios de esperança, que vão se esgotando na medida em que a música segue, o instrumental, por sua vez decorre da maneira inversa, iniciando mais frio e ameno, mas crescendo de maneira intermitente até alcançar o auge do desespero, que traz ao eu lírico a sensação final de vazio. Será que é isso mesmo? (risos).

**De onde veio a inspiração para a construção de “Of Everything That Hurts”? Existe algum personagem por trás?**

**Guilherme:** A construção dos temas foi feita em torno do universo das dores e paixões





humanas, tanto físicas quanto espirituais. Por isso, o personagem principal, nesse caso, seria essa gama de sentimentos.

**Fazendo um comparativo entre os dois álbuns já lançados, o quanto a banda cresceu musicalmente?**

**Andrei:** Acho que conseguimos melhorar consideravelmente o entrosamento entre os membros nessa última formação, consolidada em 2010, ainda na época em que tocávamos para divulgar o “When Flesh Becomes Spirit”. A adição de Rodrigo Barbosa trouxe para a banda uma atmosfera mais doom e sombria, o que significou uma guinada bastante acentuada no direcionamento que a banda estava tomando nas composições com o primeiro vocalista da era pós-Rafael Basso, nosso amigo Marcos Meireles, que tocou conosco em 2009. Vejo isso com bons olhos, acredito que seja um exemplo do nosso ama-

durecimento musical.

**Assim como as demos e o primeiro álbum, o segundo também foi lançado de forma independente. É difícil encontrar selos que lancem os trabalhos?**

**Andrei:** Apesar de o primeiro álbum ter sido lançado de maneira independente, no “Of Everything That Hurts” contamos com o apoio da Eternal Hatred Records, distribuição da Voice Music e agenciamento pela MS Metal Agency. Mesmo com toda essa equipe de apoio, a realidade do underground no Brasil tem sido dura, de modo geral. Quem toca metal, toca porque ama, enquanto poucos são os que sobrevivem desta paixão, infelizmente.

**A banda é formada no Nordeste e já tocou ao lado de importantes bandas do cenário nacional. Sobre as bandas,**

**o Nordeste é autossuficiente? Deixa a desejar?**

**Andrei:** Acredito muito no potencial do Nordeste e acho que as produções lançadas por aqui nos últimos anos afirmam isso com toda propriedade. Quanto ao Soturnus, buscamos apenas fazer sempre o nosso melhor, observando o exemplo de quem acertou para se inspirar, e observando o exemplo de quem errou para aprender. Por isso tomamos sempre todo o cuidado com a produção do nosso material, arte gráfica, áudio e desempenho das execuções.

**Ainda sobre o Nordeste, quais bandas vocês destacam do cenário regional?**

**Andrei:** Não é querendo puxar a sardinha para o nosso saco (risos), mas no nosso Estado da Paraíba temos grandes exemplos do que o Nordeste é capaz! Bandas como Metacrose, Warcursed, Madness Factory, Sodo-

ma, Sympherium, Dissidium, Necrohunter, todas excelentes. Em Pernambuco temos o Cangaço, Desalma, The Ax, Inner Demons Rise, Terra Prima. No Rio Grande do Norte temos o Kataphero, Avalon Symphony, Expose Your Hate, Primordium. Recomendo ao leitor a audição de todas essas citadas, definitivamente não vão se arrepender!

**É possível contar nas duas mãos as bandas com sonoridade Doom no Brasil. Seria o estilo o menos apreciado ou visto com ‘maus’ olhos?**

**Andrei:** Eu não diria ‘maus’ olhos. Vejo no doom metal um universo à parte, com um público cativo e interessado. Vale a pena demais mergulhar no estilo e descobrir as verdadeiras joias que existem ainda escondidas nessa vertente. Acredito que ainda há espaço para crescimento e propagação do estilo no Brasil. Estamos aqui para fazer a nossa parte!





**Rodrigo:** O doom em si é mais introspectivo do que se pensa, mas não é por causa disso que o som não seja difundido. No doom temos o peso e a melancolia andando lado a lado, podendo ainda simplesmente caminhar separados. O doom é versátil para ambos e poder controlar essas nuances compondo materiais do gênero é a grande jogada do estilo.

**Top 5. Quais as bandas que inspiram o trabalho do Soturnus. Destaque um álbum e comente em poucas palavras.**

**Andrei:** Paradise Lost, Novembers Doom, My Dying Bride, Katatonia e Swallow the Sun, sem dúvida! Dentre os citados, um álbum que merece todo o destaque é o “Songs of Darkness, Words of Light” do My Dying Bride. Depressivo, expressivo, denso e profundo, para

apreciar num inverno nublado, com vinho e perdido em pensamentos. Aos com depressão clínica diagnosticada, cuidado!

**Para finalizar, quais os planos para 2015? Sucesso e perseverança sempre.**

**Andrei:** Para o segundo semestre de 2015 estamos preparando um EP novo com algumas músicas inéditas, regravações de músicas antigas da primeira demo, alguns covers repensados e adaptados à nossa sonoridade e uma surpresa acústica para quem curtiu o “When Flesh Becomes Spirit”! Estamos também à disposição para participação em eventos, divulgando nosso segundo álbum de estúdio “Of Everything That Hurts”. Agradecemos à equipe Rock Meeting pela entrevista e a você leitor, que nos acompanhou até aqui. Stay Dark!

BLACKOUT DISCOS & EMPIRE  
APRESENTAM

# ANGRA

SECRET GARDEN TOUR  
NORTE/NORDESTE

29 DE MAIO - FORTALEZA  
30 DE MAIO - RECIFE  
31 DE MAIO - SALVADOR  
5 DE JUNHO - MANAUS  
6 DE JUNHO - BELÉM  
7 DE JUNHO - TERESINA

REALIZAÇÃO: BLACKOUT DISCOS

empire





# “ORIGINS”



Há umas três turnês atrás, que já desejava ver o show da banda suíça de Folk Metal. Muito embora o desejo aumentou após assistir a apresentação deles em São Paulo, no último dia 11 de abril, a primeira data da turnê brasileira.

Para quem já viu os outros shows não sentiu falta de algumas músicas, mas para esta quem vos escreve, músicas do CD “Slania” e “Spirit” ficaram faltando. Esperava ouvir “Your Gaulish War”, “The Dance of Victory”, “Of Fire, Wind & Wisdom”, “Calling the Rain”, “Gray Sublime Archon” e “The Sombre Lay”. Mas tudo bem, estas músicas nem estão mais no setlist. Como foi a primeira vez e, numa outra ocasião, não dava para exigir muito. “Origins” é o CD da vez.

Ver aquela banda que tanto gosta e sonhar com o dia que estará num show é inigualável. Mas até realizar leva até um longo caminho. Job done! Mais um dos sonhos realizados.

## Show

“Origins tour” veio seguindo bem ao pé da letra. Na introdução da música, muitos já estavam exaltados. A sensação era única de esplendor, o semblante dos que lá estavam mudou imediatamente quando eles iniciaram o show com “King”, do atual CD. Logo após veio “Nil” do incrível CD “Everything Remains (as it never was)”, o melhor deles, na minha modesta opinião, que antes era “Slania”.

Enfim, o show foi repleto de peso, riffs e baixas. Sim, baixas. Dois integrantes da







banda, o baixista Kay Brem e Nicole Ansperger (violinista), não acompanharam a banda na tour sul-americana. O vocalista Chrigel Glanzmann explicou o motivo das duas ausências: doença. Espero que já estejam bem! Mas isso afetou o show? Não, de modo algum. A energia foi lá no alto. E assim foi em sequência: “Uis Elveti”, “Thousandfold”, “Primordial Breath”, “Succellos”, “Omnos”, “De Ruef vo de Bärge/ The Call of the Mountains” que Anna Murphy, carinhosamente, perguntou em que versão gostaria de ouvir essa música. Bom, ela cantou em alemão e em inglês com a galera acompanhando.

do. Voltando as músicas: “Inception”. E agora vem a parte do “Origins” ao qual me referi. Quando o Eluveitie lançou seu primeiro trabalho, mesmo que demo, “Vên” têm muitas partes mais acústicas e que foram desenvolvidas nos CDs adiante. E por conta desta volta às origens, as músicas “Memento”, “Brictom” e “A Rose for Epona” foram executadas sem o peso de origem. De modo acústico, as músicas foram executadas, com um destaque especial para a última citada. Saindo deste momento mais calmo e aumentando a temperatura novamente, foram executadas: “The Nameless”, “Kingdom Come

Undone”, “The Silver Sister”, “Quoth the Raven” e “Alesia”. Chrigel fez os agradecimentos de costume e todos saíram do palco. Os pedidos ecoavam para a música mais famosa do grupo “Inis Mona”. Muitos urros solicitavam a música, até que a banda retorna ao palco vestidos com a camisa da seleção brasileira, marca ímpar da representação do país. Um dos momentos mais legais foi quando “Quoth the Raven” foi tocada. Em dado momento da música tem uma parte que dá vontade de dançar e muitos no show estavam dançando, só faltavam uma enorme fogueira no Carioca Club para completar a apresenta-

ção. Por fim, mais duas músicas foram tocadas: “Inis Mona” e “Tegernakô”, duas dos álbuns mais antigos. “Slania” e “Spirit”, em sequência. A vontade que deixaram é de retorno. É como se estivesse faltando algo e faltou, de fato. O único ponto negativo do show foi a iluminação, não por conta da produção, mas do técnico que a banda trouxe, deixou o palco sempre em contraluz o que dificultava fotografar e ver algo no palco. Mas a banda ilumina a todos sozinha!





# Road to Resurrection 2015

Sick Of It All, The Ghost Inside e Angel Dust

Local: Razzmatazz 2 – Barcelona  
Data: 19 de Abril de 2015  
Organiza: HFMN Crew

Texto e Fotos: Mauricio Melo



### Route Resurrection Fest 2015!

Assim foi anunciada a turnê organizada por HFMN Crew, na Espanha, e que encerrou campanha na noite de 19 de Abril em Barcelona após passar por várias cidades deste país. Não sabemos ao certo se nossa rota nos levará ao Resurrection Fest deste ano, ou respiraremos novos ares, mas de uma coisa temos certeza, o Sick Of It All continua imbatível em cima do palco. O tempo na estrada ajuda em experiência e, no caso do quarteto, a boa forma física e mental, dobra a fúria que exibem no palco.

É claro que, antes dos nova-iorquinos, conferimos outros shows. O do Angel Dust, não chegamos no início devido a imensa fila que se formava para adentrar na sala 2 da Razzmatazz, algo que poucos grupos do estilo conseguem fazer. Ou seja, sendo mais claros, que se forme uma fila num show hardcore, neste local nada mais as portas serem abertas, é algo para grandes. Pelo pouco tempo que tivemos, o que vimos do Angel Dust, foi um bom show com alguns empolgados cantando um e outro refrão, não decepcionaram.

Na sequência, o quinteto The Ghost Inside marcou presença com um setlist curto porém variado, abrindo com “Between The Lines”, suas linhas de guitarra melódica, rapidez na bateria tendo um tradicional breakdown e confirmando uma boa presença de fãs, que cantavam cada refrão. O grupo não demorou a colocar temas novos no set e o fizeram com o título do mais recente álbum, “Dear Youth”. Por falar em refrão, o público berrou mesmo com “Unspoken” e “Dark Horse”, é claro que o público feminino marcou presença, principalmente nesta canção por ter uma melodia mais apurada. Também apreciamos uma boa quantidade de stage dives e devido à facilidade de acesso ao palco, a apresentação terminou com incontáveis fãs encima do mesmo, com o microfone em punho cantando “Engine 45”, deu um perfil épico neste final, ainda que não fosse para tanto.

Não demorou para a expectativa tomar conta

The Ghost



The Ghost



The Ghost





do local, ainda que o SOIA passe por Barcelona a cada dois anos e em algumas ocasiões, com menos tempo de espera. Afinal, assistir ao Sick Of It All nunca será demais. Confesso ser um cidadão suspeito para opinar, conheci a banda quando ostentavam apenas dois discos e quando lançaram o *Stratch The Surface* o meu objetivo era ter a oportunidade de assisti-los ao menos uma vez na vida. De lá para cá foram vários encontros, em diferentes momentos, ambientes e cidades e afirmo, é sempre um grande momento.

A tradicional abertura ficou com “Good Looking Out” e Mr. Pete Koller dando início às primeiras decolagens com sua guitarra em punho, não demorou para um road aparecer com a toalha para e secar o palco da poça de suor. Enquanto isso, seu brother Lou Koller liderava o grupo com sua inconfundível voz, dando sequência com “Uprising Nation”. Craig Setari e seu baixo Fender mantinham a seriedade e cara de durão, ainda que sabemos que por trás desta aparência se esconde um cidadão tranquilo. Demorou um pouquinho mas o último álbum, *Last Act of Defiance* apareceu por primeira vez com “Sound The Alarm” e com uma resposta incrível por parte do público. Pete se multiplicava com marchas, voadoras e o que mais desse na telha, uma forma física de dar inveja a qualquer garoto. Também deste álbum figuraram “2061”, “Get Bronx” e com êxito absoluto, “DNC” e “Road Less Traveled” com seu passional refrão.

É claro que clássicos do primeiro álbum não poderiam ficar de fora como por exemplo, “Injustice System”. Aliás, nenhum clássico pode ficar de fora, é dizer: “My Life”, “Just Look Around”, “Friends Like You”, também contando com os novos como “Death or Jail” e “Take The Night Off”, além da eterna participação de Craig nos vocais de “Busted”, devolvendo o posto de vocalista a Lou para a execução de “Built To Last”. O tradicional wall of death na introdução de “Stratch The Surface” também marcou presença. Para finalizar, o tradicional pogo de “Us Vs. Them” e a alma lavada, de suor é claro, sinais de primavera.

Anteriormente escrito e agora repetido, não é, e nunca será demais assistir ao Sick Of It All ao vivo e o sentimento ainda melhora quando ao final os integrantes não economizam tempo em agradecer, escutar elogios, fazer fotos e agradecerem a todos pela presença.

Isso senhores, significa Hardcore e, em especial, os Made in. N.Y.C.





# MONSTERS OF ROCK

O que houve de melhor em dois dias de festival. Fotos: Flavio Hopp.



MotörHead



Ozzy Osbourne



Motörhead & Sepultura



Judas Priest



Ozzy Osbourne



Black Veil Brides



Rival Sons



Judas Priest



Motörhead & Sepultura



Coal Chamber



Dorctor Pheabes



Accept



Judas Priest



Kiss



Kiss



Kiss



Yngwie Malmsteen



Steel Panther



Unisonic





# PÚRPURA INK

## “Conseguimos captar a energia da banda no disco”

Por Leandro Fernandes (leandro@rockmeeting.net)  
Foto: Marcelo Cunha

Resgatar tudo aquilo que foi bom no passado e com qualidade admirável é sempre bom! O Purpura Ink, com bastante responsabilidade e talento, renovou o Hard/Glam sem medo de ser feliz. Com seu disco de estréia “Breakin’ Chains”, tem conseguido colher excelentes frutos. Conversamos com a banda que nos conta um pouco mais de seu primeiro trabalho.

**Então, sabemos que a banda acabou de lançar seu primeiro trabalho. Para quem ainda não conhece, por favor, se apresentem.**

Somos o Púrpura Ink, de São Luís, MA. Na formação temos: E.J. (vocalis), Seth Bass (Baixo), Derick C.C. (Bateria), e a dupla de guitar-

ras é formada por Márcio Glam (que também toca teclados) e Chris Wiesen.

**“Breakin’ Chains” chegou mostrando realmente a cara da banda, a identidade. Como tem sido as críticas até o momento?**

Tem sido bastante positivas. Muitos elogios. O disco até nos surpreendeu por ser o primeiro disco da banda. Conseguimos captar a energia da banda no disco e, por isso, o público tem elogiado muito.

**Essa pegada Hard que a banda vem mostrando, nos causa bastante nostalgia e realmente lembra aquele som que ficou nos anos 80. A intenção de vocês**

**é realmente resgatar isso?**

Bom, nossa intenção é tentar reinventar este som, à nossa maneira. Temos também bastante influência do hard rock setentista também, e esperamos pegar essas influências e transformar em algo mais moderno, sem soar datado.

**“Kate” foi a primeira música a ser lançada e tem uma história bem interessante. Com relação à composição das letras vocês gostam de usar uma temática específica ou aquilo que como ideia se torna uma música.**

Cada música conta uma história diferente. Algumas músicas contam histórias vividas por nós, outras contam histórias que vimos

outras pessoas viverem, e por aí vai. Até mesmo nos arranjos, tentamos fazer cada música ter sua marca, sem, é claro, perder a identidade da banda.

**Sobre a agenda de shows, como tem sido?**

Estamos retornando aos palcos agora. Passamos um bom tempo no estúdio para a produção de “Breakin’ Chains”, e por isso acabamos nos ausentando. Mas agora, lançaremos o disco por São Luís e já temos algumas datas em outras cidades, que revelaremos em breve.

**Existe algum preconceito hoje da galera mais radical dentro do metal com re-**





### **lação a banda fazer um som realmente da raiz Hard?**

Bom, pelo menos aqui em São Luís, somos amigos do pessoal que curte metal extremo, e nunca tivemos problema com isso. É claro que nem todos gostam do nosso som, mas, pelo menos, somos respeitados. Sobretudo, pelo profissionalismo que temos com a banda. De um modo geral, o preconceito existe sim pelo mundo afora, mas o mais importante é que as bandas e os públicos se respeitem entre si. Esses preconceitos nunca fizeram bem para o Rock/Metal e o underground em geral.

### **Sei que o trabalho ainda é recente, mas já atravessou as barreiras do nosso continente?**

Já tivemos pessoas de fora do país que mandaram mensagens elogiando o trabalho e pedindo os nossos discos, o que é uma honra, e é muito importante para nós. A distribuição do nosso disco online pela Wikimetal ajudou muito nessa questão!

### **A cena nordestina cresce muito e a versatilidade e criatividade das bandas são realmente excelentes. O público local valorizam o trabalho?**

As coisas melhoraram bastante de uns 10

anos para cá. Além da qualidade das bandas, também vimos o público crescer. Tivemos também uma grande melhora na qualidade dos instrumentos e do som, pois era difícil, antigamente, você ter acesso a instrumentos de qualidade. É claro que ainda tem muitas coisas a melhorar, as bandas precisam de mais apoio, mas estamos na luta por isso!

### **Como vocês vêm a cena Rock/Metal nos tempos de hoje em nosso país.**

É uma cena com excelentes bandas e músicos. Com certeza, houve um salto de qualidade imenso nos últimos anos. Porém, poucos tem acesso a esse tipo de som em nosso país.

A grande mídia e os governantes poderiam dar mais atenção à cena.

### **Muito obrigado por essa entrevista, sintam-se à vontade para deixarem seus recados.**

Foi um prazer para nós conceder-lhes esta entrevista! Gostaríamos de agradecer às nossas famílias, aos nossos amigos e parceiros e, principalmente, aos nossos fãs, por sempre nos apoiarem em nosso sonho. Esperamos continuar tocando por aí, conquistando e conhecendo novos ares.





Por Leandro Fernandes (leandro@rockmeeting.net)  
Fotos: Divulgação

Sabe aquele Death direto e com o “soco na cara” garantido? Então, o Morfolk sabe muito bem fazer isso. Um dos pioneiros do Death Metal Nacional está promovendo o excelente “... Until Death” que está recebendo grandes críticas pelo amadurecimento e uma evolução incrível da banda. Quem nos conta tudo e mais um pouco é o grande baterista Daniel Sanchez. Confirmam!

**Vocês já estão há 25 anos na estrada, muita coisa já rolou e já viveram experiências agradáveis e outras nem tanto, como era, e como é, o underground hoje para o Morfolk?**

Primeiramente, saudações à todos e obrigado pelo espaço!

Pois é, são 25 longos anos e algumas coisas mudaram muito desde os anos 90 pra cá principalmente no que se diz respeito à estrutura, acesso a outras bandas, público... Antes, não existiam tantos lugares com o mínimo de estrutura com aparelhagem de som, palco e iluminação minimamente decentes, assim como hoje em dia é muito mais fácil você divulgar sua banda, já que a internet está aí para isso, qualquer banda de qualquer lugar do mundo está a poucos cliques de você. Temos ainda um cenário menos radical do que nos anos 80 e 90 mas, ao mesmo tempo, temos uma

“cena” não tão fiel ao underground. Ninguém mais, hoje em dia, consome as bandas locais como antigamente, Sem contar que estamos na rota dos shows gringos o que fez nosso underground perder um pouco da força, se compararmos com o de 2 décadas atrás.

**Sabemos que em São Paulo o reduto de headbangers é muito grande. Hoje, no nordeste, podemos citar grandes bandas e de muita originalidade. Existe alguma diferença do público nordestino comparado ao público do Sudeste?**

Falar sobre a cena nordestina para nós é um pouco complicado. Ainda não tivemos a

oportunidade de tocar para os lados de lá (se pintar uma oportunidade iremos com certeza). O que ouvimos falar, de amigos que já tocaram por lá, é que eles possuem um cenário bem forte, que o pessoal vai mesmo para os shows e realmente consomem o metal nacional, apoiando de maneira verdadeira as bandas. Em São Paulo, temos um grande número de bandas e bangers, mas ainda vejo muitos rachas na cena e isso acaba enfraquecendo o cenário.

**Alguns anos atrás a banda passou por uma reformulação. Isso acabou atrapalhando em alguma coisa?**

Fiz parte desse processo de reformulação que foi onde entrei para o time do Morfolk. Desde que entrei para a banda vejo todos muito motivados. Compusemos as músicas para o EP “Prelude...” e demos continuidade com o trabalho lançando o cd “...Until Death”. Logo após o lançamento do disco, o Gabriel que ocupava o posto de guitarrista precisava andar com alguns projetos pessoais e seu tempo para a banda estava ficando complicado conciliar, por isso deixou a banda e em seu lugar voltou o Roberto, que era o nosso guitarrista antes da entrada do Gabriel. Com a entrada dele, acredito que a motivação aumentou, Roberto (Repolho) é um grande amigo de todos na banda, já conhecia grande parte das músicas, então não rolou aquela famosa perda de tempo (e de motivação) que normalmente muitas bandas enfrentam.

**Recentemente fora lançado o “...Until Death”, como tem sido a aceitação do disco?**

Pelo que andamos lendo através das resenhas e pelas pessoas que chegam até a gente comentando do CD, a aceitação do “...Until



Death” tem sido ótima. Tentamos fazer o som da maneira mais sincera possível, sem firulas, apenas death metal. Acho que os bangers curtiram isso, só temos que agradecer a todos até agora pelo grande apoio!

### **Conte-nos como foi o processo de finalização do disco.**

Tirando a captação das baterias, que foram gravadas no La Migra Studio em São Paulo, todo o processo de gravação e masterização foi feito aqui mesmo em nossa cidade, São José dos Campos/SP por nosso amigo Leandro Queiroz em seu estúdio. Ficamos durante cerca de 5 meses trabalhando pesado na

gravação para atingir o som ouvido no CD. Fizemos tudo sem pressão, de maneira bem tranquila e acho que até mesmo por isso, também, conseguimos obter um resultado tão satisfatório. Deixamos o CD com nossa cara, literalmente, já que até mesmo a capa e o encarte foram feitos por mim.

**“Desordem” e “Alienação” são duas pauladas cantadas em português. Hoje as bandas estão curtindo mais levar o som voltado pra nossa língua e fato de que se encaixa bem e soa agressivo da mesma forma quando bem feito. Saíram como previsto o resultado final**

### **das duas canções?**

Acho que um som, quando mal feito, ele pode estar em esperando que vai ser uma merda e, falando por mim, eu acho muito importante as pessoas que estão vendo o show da banda, ou que comprem o CD, saibam o que estamos querendo dizer nas letras. Estamos em um país onde nem todos tem o acesso à uma língua estrangeira e não podemos deixar esse pessoal de lado. Para falar a verdade, acho que as duas músicas ficaram melhores do que imaginávamos (risoss). Realmente gostamos das duas tanto que, “Desordem”, a banda já vinha tocando ao vivo mesmo antes do CD sair.

### **A banda é considerada uma das grandes do Death Metal Nacional na atualidade, como vocês encaram isso?**

Vejo o Morfolk como mais uma banda que está aí junto com tantas outras grandes bandas tentando somar em nosso underground. Apenas trabalhamos nosso som e nunca deixamos de apoiar outras bandas, desde as mais antigas até mesmo as iniciantes.

### **Nos demais países, o disco já chegou por lá?**

Estamos com uma distribuição na Europa, foram algumas cópias para lá através do nosso selo, mas por hora ainda não vi nada da banda saindo pelo velho continente. Na América do Sul, o pessoal recebeu muito bem o disco chegando a ser eleito um dos top 100 de toda a América Latina ano passado. Fato que nos deixou honrados!

### **Falando do “lado gringo”, já existe algum contato com produtores para shows da banda por lá?**

Estamos à procura de contatos que nos levem diretamente pra lá sem intermédio de alguma dessas agências que tem levado várias bandas daqui, tanto para Europa como para a América Latina.

### **Agradecendo pela atenção e pelo bate-papo, o espaço aqui é livre para as considerações finais.**

Eu que agradeço o apoio e o espaço para poder falar um pouco mais da banda. Queria agradecer todo mundo que apoia o Morfolk e quem quiser conhecer um pouco mais, nos convidar pra tocar, podem acessar nossa página no [facebook](#). Obrigado à todos, mais uma vez!







Por Rodrigo Bueno (FuneralWedding)  
Fotos: Divuklgção

Desde que foi anunciado pelo selo Napalm Records, há poucos meses, e divulgada a primeira amostra do que seria este material, este escriba já se encheu de expectativa de ver/ouvir como o Satyricon se comportaria mediante esta empreitada.

Um projeto ambicioso, porém, que poderia render excelentes frutos para esses black metallers noruegueses. Eis que a ambição de Satyr deu mais certo do que ele mesmo poderia imaginar.

Este CD/DVD foi gravado em 2013 e está vendo a luz do dia apenas agora em 2015. A espera valeu à pena.

Abrindo o álbum com a instrumental “Voice of Shadows” e as primeiras vozes fazem-se ouvir para logo emendarem em “Now Diabolical” do álbum homônimo lançado em 2006. Podemos destacar algumas coisas neste DVD, que são: a qualidade do da gravação/edição que está excelente, o anfiteatro lotado para esta gravação, o baterista Frost, que é uma máquina ao vivo (o cara além de mandar muito na bateria, não para um minuto de bater cabeça) e a humildade do vocalista Satyr. “Repined Bastard Nation” é uma música quase apocalíptica deste material, principalmente nos riffs convidativos ao headbanging ao

mesmo tempo em que o coral entra em ação, dando uma impressão do mundo se desmoronando enquanto abre crateras imensas no chão tornando o mundo num verdadeiro abissal.

Dando sequência a esse massacre sonoro apocalíptico, “Our World it Rumbles Tonight” soa magnífico, ainda mais com sons de trombetas soando junto as guitarras pesadas e os corais invadindo a mente. Indo em frente, temos a tranquila “Nocturnal Flare” e a conhecida “Die by my Hand” pois foi a primeira faixa deste material a ser divulgado em larga escala. Nesta faixa temos a primeira solicitação de Satyr para a participação da plateia, enquanto o coral vem fazendo a sua parte Satyr invoca os presentes para gritar “Die” para o início do refrão.

“Tro Og Kraft” é um ótimo aperitivo

para a música que vem a seguir e um dos pontos altos do show. “Phoenix” traz o cantor/compositor Siwert Høyem como convidado especial e neste momento Satyr assume uma das guitarras. A música que já era boa na versão “simples” de estúdio, imagina agora com inúmeras vozes acompanhando-o. Quase no final da música, há apenas duas vozes, a soprano e o tenor e assim que a música vai tomando força novamente, todo o coral vem crescendo junto, indo direto para o último refrão. A única coisa que sinto nesta hora são os pelos do corpo arrepiando.

Dando início ao segundo CD, temos “Den Siste” que segundo o próprio Satyr é uma das faixas preferidas dele. “The Infinity Of Time And Space” e “To the Mountains” são faixas que também funcionaram muito bem neste material, pois seu andamento





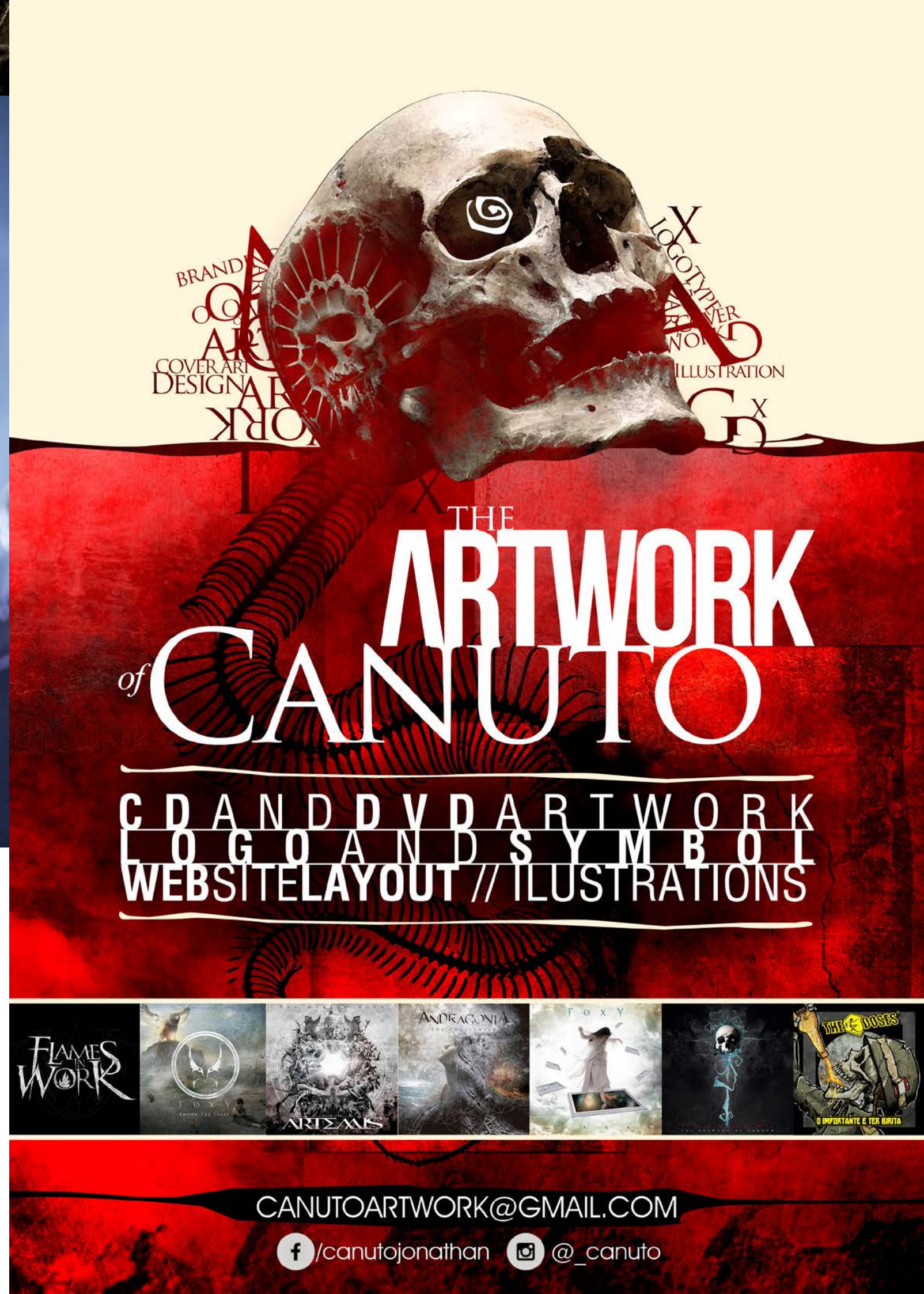
“simples” facilitaram a inclusão das vozes do coral. Assim como “To the Mountains” encerra o álbum Now Diabolical, aqui ele também encerraria o disco.

Após o encore da plateia, que foi cortado da edição, “The Pentagram Burns” tem a missão de preparar os espectadores para o ponto alto do segundo ato, que é a chegada de “Mother North”. Esta música talvez seja o maior “hit” do Satyricon, pois teve um clip gravado lá na época de seu lançamento, além de ser uma puta música. Aqui ela ganha uma participação especial da plateia no seu início e

certamente o que já era bom, ficou ainda melhor. E para encerrar temos um outro “hit”, mas lhes confesso que preferi muito mais esta versão ao vivo do que a versão esquizofrênica de estúdio, estou falando da “K.I.N.G.”.

Após 1h35 de uma impecável apresentação e fica na mente todas aquelas vozes, dando vontade de escutar novamente este disco.

Ainda estamos nos encaminhando para a metade do ano e certamente este álbum é um forte candidato ao melhor disco de 2015.



CANUTOARTWORK@GMAIL.COM

f /canutojonathan @canuto



**Dani Nolden**  
Vocalista - Shadowside

Fotos: Irisbel Mello



### **Apresente-se!**

Olá! Eu sou Dani Nolden, vocalista das bandas Shadowside e Sphaera Rock Orchestra.

### **Quem era você no começo da carreira e quem é você hoje?**

Acho que não mudei muito desde aquela época. Eu era sonhadora, tinha amor pela música e nada me divertia mais que cantar. Nada disso mudou.

### **Já realizou todos os seus sonhos? Ainda falta algum?**

Realizei meus sonhos de adolescente, mas continuo sonhando. A vida perde a graça sem eles porque você perde seus objetivos, perde os motivos para continuar evoluindo. Meus sonhos de adolescente eram gravar um álbum, fazer grandes shows e tocar em vários países, o que acabou acontecendo de forma muito maior que eu imaginava. Agora sonho com continuar fazendo isso por muitos outros anos e com uma turnê na Ásia, quem sabe.

### **Do que você tem medo?**

De perder a voz e a sanidade.

### **O que costuma fazer quando não está em turnê? Dormir por mais tempo?**

Dormir por mais tempo, com certeza! (risos) Eu durmo bastante até em turnê, sempre que possível. Gosto também de jogos online e de

ler. Sou uma devoradora de livros. Todo mundo que me dá um livro de presente fica frustrado porque eu “acabo” com o presente em 2 dias (risos). Leio qualquer coisa, mesmo que não seja interessante, porque não aguento de curiosidade e preciso saber o final (risos).

### **Quando era criança o que você dizia que iria ser?**

Eu disse tantas coisas... as mais marcantes foram astronauta e ninja (risos).

### **O que você faria se não fosse músico?**

Provavelmente, Biologia. Era meu plano antes da banda começar a dar certo.

### **Qual foi a sua maior realização pessoal?**

Ter conseguido cantar com a banda, que comecei aos 15 anos de idade, em mais de 30 países.

### **Qual foi o seu pior momento?**

Dani: Quando eu e os rapazes da banda fomos assaltados na Espanha por dois homens



que se passaram por policiais. Foi uma mistura de medo, desespero e impotência.

### O que te motiva?

As pessoas que estão ao meu lado. Sempre que me sinto desmotivada, ou chateada, elas estão lá e me lembram que sempre acreditaram no que eu poderia alcançar, até quando eu mesma não acreditava.

### Houve algum momento na sua carreira que você pensou em desistir?

Sim, alguns. Mas pensar em desistir me fez mudar de ideia porque me obrigou a imaginar minha vida sem a música e me mostrou que não era o que eu realmente queria. Pensei em desistir quando encarei dificuldades naturais que toda banda passa na estrada, quando tudo parecia estagnado por problemas com gravadora que nos impediam de lançar o álbum, mas decidi seguir em frente porque, mesmo que a situação estivesse ruim com a banda, sem ela, tudo ficaria pior ainda. Desistir, não teria resolvido problema algum. Seria apenas o fim. E o fim, era exatamente o que eu tinha que evitar.

### Qual são as 5 bandas que você mais gosta? Cite um álbum e fale deles.

*Guns n' Roses - Appetite for Destruction:* Guns n' Roses foi a minha primeira banda favorita e por isso acabou marcando a minha vida. Escutei Appetite for Destruction ainda criança e foi meio que um divisor de águas pra mim. Foi com este álbum que descobri que realmente gostava de rock e foi quando comecei a imaginar, ainda que de forma ingênua na época, a ideia de ter minha própria banda. Músicas como Nightrain e Paradise City me marcaram. Eu adorava a atitude e, até hoje, o álbum inteiro ainda me empolga.



É uma eletricidade sem fim que mostra que rock não precisa, necessariamente, ser técnico, mas que cria vida própria com a energia correta.

*Skid Row - Slave to the Grind:* Outro álbum que eu ouvi incansavelmente na infância e na adolescência que curto até hoje. Os riffs são pesados, o som é nervoso e a voz do Bach faz você sentir vontade de quebrar alguma coisa (risos). É, para mim, um exemplo de algo perfeitamente bem executado que não perde a essência, a intensidade do som. Cada nota soa extremamente agressiva e é, sem dúvida, um dos meus álbuns favoritos. Não apenas do Skid Row, mas no geral.

*Rammstein - Mutter:* Descobri Rammstein aos poucos. Inicialmente, não gostei da proposta deles e achei algo estranho, mas me acostumei devagar e acabei me apaixonando pelo som da banda. Mutter é o álbum deles que mais gosto. Ele mistura o peso e a intensidade do metal industrial com algumas melodias bem interessantes. É um som que fica ainda mais impressionante ao vivo.

*Ayreon - The Dream Sequencer:* “Viagem” é a melhor palavra que consigo encontrar para descrever esse álbum. Gosto muito do Ayreon, apesar de ser um projeto e não exatamente uma banda. O som consegue ser complexo e fácil de entender ao mesmo tempo. O Dream Sequencer me faz esquecer do mundo. É um álbum cheio de nuances e de cantores diferentes, mas que se encaixam perfeitamente bem na história contada nas letras. É fácil imaginar toda a história sem precisar ver imagem alguma. A música fala por si só.

*System of a Down - Mesmerize:* Essa é ou-



tra banda que demorou para entrar na minha cabeça pois achei o som estranho, mas fui entendendo aos poucos. Eu acho toda a discografia do System of a Down sensacional, mas meu álbum favorito é o Mesmerize. Acho fantástico como eles fazem a transição de uma parte completamente diferente da música para outra sem a menor cerimônia (risos). É uma banda louca, no melhor sentido possível. System of a Down apareceu para quebrar totalmente as regras.

**Em uma entrevista você disse que, em uma das turnês pela Europa chegou a passar fome. Como foi isso?**

Na turnê de 2013, as coisas foram até boas. Passamos fome, porque às vezes não dava tempo de comer ou a grana estava curta para uma refeição de verdade. Mas todos nós passamos fome de verdade na turnê de 2010 com o W.A.S.P., devido a uma quebra do nosso motorhome que usou quase todas as nossas reservas financeiras e depois ao assalto na Espanha que eu já comentei. Ficamos completamente sem dinheiro e tivemos que contar os centavos para comprar 2 ou 3 sanduíches e dividir entre todos nós. A partir dali, passamos a sobreviver apenas com o dinheiro que fazíamos a cada show nas vendas de CDs e camisetas. Não sabíamos se comeríamos no dia seguinte até terminar o show e ver quanto dinheiro havíamos ganhado. Felizmente conseguimos vender bem e ganhamos o suficiente para comer, abastecer o motorhome e pagar nossas hospedagens.

**De onde ou o que te inspira para escrever as músicas?**

A vida em geral, tanto a minha quanto das pessoas próximas, das histórias que aparecem nos noticiários. Eu não costumo escrever mui-



to sobre filmes ou livros, exceto quando me identifico muito com a história. Gosto muito de escrever sobre comportamento, sentimentos, acontecimentos. Eu sou introvertida, isso me permite ser a observadora de vários tipos de personalidades diferentes. Gosto muito de me imaginar sendo algo completamente diferente do que sou e escrevendo do ponto de vista dessa pessoa. Isso me permite imaginar como seria se eu fosse insana ou qualquer outra coisa e contar uma história.

**Durante alguma turnê você já sofreu com algum tipo de abordagem que a deixou constrangida?**

Raríssimas vezes, felizmente. Dá pra contar nos dedos de uma mão e sobram dedos (risos). As pessoas costumam ser bem respeitadas nos shows, o relacionamento com os fãs é algo legal na grande maioria das vezes porque as pessoas não se aproximam com ideias erradas, simplesmente querem conversar, falar sobre a música, pedir uma foto. Eu acho que isso acaba inibindo quem vai com intenções erradas.

**Todo mundo tem uma mania, qual a sua?**

: Mania de gravar descalça (risos). Odeio gravar de sapatos!

**Deixa aqui uma mensagem para nossos leitores. Muito obrigada!**

Eu que agradeço pelo espaço! Espero que tenham gostado de entrar um pouquinho na minha mente estranha (risos). Fiquem ligados, porque estamos compondo o novo álbum do Shadowside e logo teremos novidades. Até mais!





## MEAT LOAF – BAT OUT OF HELL

POR RODRIGO BALAN – METAL MEDIA

Reforma em casa é sempre um trans-torno. Ainda mais quando você tem que guardar sua coleção de CDs em uma parte inacessível da casa até as reformas acabarem.

Durante o “recolhimento” dos meus disquinhos acabei separando um dos meus discos favoritos para me acompanhar durante este tempo: ‘Bat Out Of Hell’, segundo disco do ator/cantor estadunidense Meat Loaf. O disco foi composto em parceria com o produtor/compositor Jim Steinman e produzido pelo genial Todd Rundgren. Outro ponto deste disco é a capa maravilhosa, destas que não se vê mais, criada pelo artista Richard Corben.

Deixando os dados técnicos de lado, o que temos aqui é o que ficou conhecido como Rock Opera e que desde então tem sido explorado exaustivamente, sempre sem superar este trabalho incrível. Salvo Jesus Christ Superstar, o ápice das Rock Operas em minha humilde opinião.

Meat Loaf dá um show de interpretação em músicas que misturam desde o Rock’n’Roll clássico, Rock Progressivo, Hard

Rock, música clássica, baladas “mela-cueca” e partes mais pesadas beirando o Metal.

Aqui vale a citação da vocalista e atriz Ellen Foley que marcou bem demais os duetos com Metal Loaf, outro show de interpretação!

O álbum conta com sete músicas e minha favorita é a faixa-título, que além de arranjos muito inteligentes tem um refrão inesquecível, mas seria injusto destacar apenas uma, o trabalho como um todo se completa e encaixa perfeitamente. Todas as músicas são memoráveis.

A parte lírica pode parecer boba para alguns, mas eu consegui saborear muito bem, é aquele lance meio adolescente dos anos 70 (o disco é de 1977, se não me engano). Bom, não vou dar spoilers. Compre o CD e acompanhe com o encarte.

Depois deste, foram lançados mais dois ‘Bat Out Of Hell’, mas sinceramente não chegam nem aos pés deste trabalho atemporal de uma época em que o Rock era menos levado a sério (vendo pelo lado bom de não ser sério).



## NIGHTWISH - ENDLESS FORMS MOST BEAUTIFUL

POR PEI FON - ROCK MEETING

Não, isso não é uma resenha, até porque eu posso não ser tão imparcial assim falando da banda que mais amo. Venho aqui falar da minha experiência sensitiva com este álbum que, certamente, desde o seu lançamento no final de março, não deixo de escutar, pelo menos uma vez no dia, o álbum todo, vale salientar.

“Endless Forms Most Beautiful” veio cercado de expectativas por ser o primeiro álbum de Floor Jansen nos vocais. Muito embora, alguns ficaram desapontados porque ela não canta lírico. Mas veja bem, se o dono da banda, Tuomas, o tecladista, quisesse lírico, ele num já teria escolhido outra lá atrás? Mas ele não quer. Floor é versátil, ela nem canta mais assim com o ReVamp, quiçá no Nightwish, só as antigas canções, como tem acontecido na turnê deste álbum.

Picuinhas à parte, este álbum foi bastante sensorial para mim. Por quê? Ele me fez chorar. Sim, pela primeira vez um álbum me deixou realmente emocionada a ponto de derramar algumas lágrimas.

Quando saiu a primeira música, “Élan”,

me deixou realmente curiosa, pois os comentários da imprensa europeia foram dos mais diversos, mas todos apontavam o melhor cd da banda. Eu e milhares precisavam ouvir esse trabalho.

Mas quando ele vazou não deu para quem quis. Foi um estranhamento inicial, uma identificação de riffs com outras canções, mas a voz era o que importava, pelo menos para mim. Como sou sensitiva, a música deve me impactar logo de cara. E aconteceu com algumas delas. Mas a música que me fez chorar demorou um pouco para entendê-la.

Ouvir “Mother, I am always close to you” não foi fácil. Lágrimas caíram espontaneamente. Sem esforço! Pode parecer bobagem se emocionar com uma frase dessa. Mas, para mim, que não tenho mais a minha mãe, e que sinto tanto sua falta, essa frase diz tudo.

Do álbum destaco tudo, porque eu gosto de tudo, mas o quarteto inicial: “Shudder before the beautiful”, “Weak Fantasy”, “Élan”, “Your in an Empty Hope” é sensacional. Ah, a tal faixa é “Our decades in the sun”.

“We were here!”



# BVARN *The* ART

THE WORK *of* ALCIDES BURN

---

CAPAS P/ CD'S E DVD'S  
ENCARTES  
LOGOTIPOS  
CARTAZES  
ANÚNCIOS  
ARTE PARA CAMISAS  
WEB BANNERS

---



WWW.THEBURNART.BLOGSPOT.COM  
ALCIDESBURN@GMAIL.COM • 81 8758.6610